



LENDAS URBANAS BRASILEIRAS

RELATOS DOS MAIS ASSUSTADORES MONSTROS



ILLUSTRAÇÃO
THIAGO MAGIONI

RELATOS
BRUNA NERY



LOBISOMEM



LOBISOMEM

Eu vivia junto dos meus pais e irmã em um pedaço de terra no meio do nada, com algumas cabeças de gado. A vida era pacata, os dias secos, as noites frias, naquela imensidão de terra pouco semeada. Mas certa noite de lua cheia, minha irmã pegou algum troço ruim, ficou febril e meu pai resolveu ir ligeiro para a cidade, buscar remédio. Montou o pangaré amarelo e entrou, desembestado, na escuridão, deixando a família sozinha.

Acho que a “COISA” sentiu que não tinha homem na casa, porque enquanto meu pai estava fora, ouvimos o gado ficar agitado. Dei uma olhada pela janela e vi o rebanho todo reunido no canto do cercado e do outro lado uma silhueta na frente da lua baixa, tava encurvada, mas era grande mesmo assim, como um monte peludo com patas longas. O bicho se esticou todo e uivou, um som tão alto que parecia que ele tava do meu lado. Minha mãe saiu correndo de cima da menina doente e parou na janela atrás de mim, deu um grito agudo e tapou a boca.



Tarde demais. Aquilo viu a gente e correu na nossa direção. Minha mãe puxou a janela de madeira tão rápido que eu cai de lado e acordei a minha irmã. Me arrastei para porta e passei o trinco. Minha mãe encaixou uma cadeira na maçaneta, pegou o facão da cozinha e ficamos ali juntas agarradas uma na outra, quietas, esperando os bois acabarem de gritar. A coisa passou na frente da porta e da janela, tapando o brilho da lua, e ofegando como um cão.

Foi quando a criatura fugiu do cercado. Pouco depois ouvidos o galope de retorno do meu pai. Ele deixou o vidro de xarope cair quando viu um boi aberto, com as vísceras para fora e o gado tremulo do outro lado. Arrumamos tudo e pouco antes de amanhecer partimos com as cabeças de gado para viver perto da cidade.



**CORPO
SECO**

CORPO SECO

Eu era uma completa idiota na adolescência! Queria sair da merda de cidade que eu morava desde que eu nasci e dai encontrei outro babaca que pensava que nem eu. A vida era um saco, não mudou muito desde que eu consegui sair. Também, eu não ia mais conseguir dormir direito no mesmo lugar, não depois do que tinha acontecido.

A gente precisava de grana para sair da cidade e o Renato era aquele tipo de cara esturricado de magro e bagunçando das ideias, que se enfiava em qualquer lugar que ele via oportunidade de conseguir dinheiro sem se esforçar. A gente ia dividir o que a gente achasse com a garotada da escola, o Mario, que se achava o líder daquele bando de sem noção, o Gordo, que tava sempre no rolê, e o Careta que acabou ouvindo tudo que a gente ia fazer e se meteu na história, mas ele não tava nem ai para dinheiro, era só para se enturmar, porque ele era um esquisito.



A Mina tava abandonada, fazia uma cara, na real, eu não conhecia ninguém vivo que tinha trabalhado ali. O lance era entrar, roubar a caralhada de ouro que tinha lá - porque todo mundo que era velho contava que a Mina abastecia as maiores joalherias do mundo, há pouco mais de três décadas - e sair. Parecia fácil mesmo. A gente tinha que esperar até a noite para não sermos vistos, mas o caminho inteiro até a mina eu senti que tava sendo observada. O sol foi baixando devagar e os arbustos ficavam cada vez mais assustadores.

Quando chegamos na entrada, o Mario foi na frente, passou o bloqueio de madeira podre e entrou na caverna, levando a lanterna. Ele foi o primeiro a desaparecer, correu na frente como se tivesse visto um ponto reluzente de ouro e sumiu. Babaca! Continuamos caverna adentro até que o Gordo começou com as histórias de assombração da mina, dizendo que havia sido fechada, porque ela desabou e matou todos os homens que estavam trabalhando nela, nesse momento a gente parou de chamar o nome do Mario, com medo dela desabar de novo, na verdade a gente parou de falar. Foi quando o Careta encostou em uma coisa que parecia ser uma carcaça humana, mas era uma coisa que devia ser recente, ele correu desembestado para saída dizendo que a gente nunca devia ter entrado ali, o Gordo foi logo depois, eu também tava muito a fim de ir embora. Grana fácil era o caralho! Mas o Renato insistiu para gente continuar.



A gente tava sozinho quando eu comecei a ouvir umas batidas na parede, pareciam ser picaretas batendo na pedra, e o Renato tropeçou em corpos, estávamos no exato lugar onde as pedras haviam caído sobre os trabalhadores. O Renato viu cair, de dentro do bolso de um dos homens, uma pedrinha dourada, ele meteu a mão a arrancou o ouro de lá, sem pudor, entregou para mim um pouco e levou a resto com ele. Saímos o mais rápido possível, ele dava risada dos amigos que tinham perdido a aventura. Então, ele foi puxado por um graveto seco, e deixou cair todas as pepitas no chão. Eu paralisei. E, enquanto, ele era sugado até a última gota de sangue, por uma criatura decrepita, ele gritava meu nome. MARIAAAAAAAAAAAAA!!!!!! O corpo do Renato caiu no chão como uma fruta enrugada e a coisa me encarou, com buracos no lugar dos olhos, então, caminhou lentamente para dentro da floresta. Nunca mais eu voltei para aquela cidade.





CUCA



LUCA

Aquela criança era um menino ruim. Não que ela tivesse problema de comportamento ou dificuldade de relacionamento interpessoal. Ela era a verdadeira encarnação do anticristo, uma mistura de Denis, o pimentinha, com Chuck, o boneco assassino. E não é brincadeira. O garoto já tinha machucado umas cinco crianças na classe, ninguém mais podia usar tesouras sem ponta, e até mesmo os lápis de escrever foram retirados no material, ficaram apenas giz de cera e canetões, os apontadores ficavam com os professores e os livros pesados nas prateleiras mais altas.

Ele roubava coisas dos outros colegas, e não dividia nada com ninguém. Ninguém conseguia controlar o menino, nenhum dos orientadores, nem os pais, nem os padres ou os psicólogos. Nessa época, eu era uma ajudante de professor do fundamental e tinha uma relação especial com o menino, na verdade, ele tinha uma relação especial comigo, no meu primeiro dia em classe, ele conseguiu me furar com uma caneta. Eu vivia afastando-o das outras crianças, ele tinha uma necessidade constante de atenção e quando não era atendida ficava violento.



Os pais foram chamados diversas vezes para conversar, mas todos sabiam que o menino não seria expulso, a família fazia doações generosas para a escola todos os anos, o que, no ano passado, possibilitou a construção de uma nova quadra coberta, e a área da piscina estava quase totalmente reformada, o diretor havia trocado de carro esse mês e eu estava por um fio de ser demitida, depois da quadragésima vez que reclamei do menino para a direção.

Mas naquele dia havia uma excursão, uma espécie de acampamento de três dias, com jogos e brincadeiras. A classe inteira foi, inclusive o pequeno psicopata. Curiosamente, ele ficou quieto o dia inteiro, tranquilo, aparentando estar sonolento, mas aquilo não me enganava, ele era esperto, talvez estivesse esperando passar despercebido. Mas eu o rodeava como um urubu.

Chegamos ao acampamento, e as brincadeiras começaram e eu não tinha só aquele menino para vigiar, preciso cumprir com as minhas obrigações. Acontece que eu me distrai! Em um minuto ele estava lá, no meu campo de visão, e no seguinte desapareceu. Corri como uma maluca pelo acampamento. Depois de alguns minutos procurando, eu resolvi me afastar das crianças e procurar mais para dentro da floresta, havia um pântano descendo a colina, não muito afastado, foi lá que eu o encontrei, com Pamela.



Ela estava encolhida e ele puxava os cabelos louros da menina com força tentando arrastá-la. Parecia que queria que ela nadasse no pântano. Quando eu cheguei, ele estava frustrado, porque não tinha força para levá-la até o lago, ele começou a chutá-la, tentando obrigá-la a obedecê-lo. O que eu fiz nesse momento, não foi premeditado, foi pura e simples emoção. Ódio. Nunca odiei tanto uma coisa. Corri e enfie o pé na cabeça do garoto, com as minhas galochas de escalada. Abriu um rasgo na pele da testa e ele voou como uma bola de vôlei para dentro da água. Ele se debatia, porque duvido muito que soubesse nadar.

Foi quando eu vi a cabeça de jacaré piscando com aqueles imensos olhos amarelos, pouco atrás do menino em pânico. Aquilo ergueu o corpo todo para fora, membros humanos escamosos com diversas peles podres de animais que o cobriam como um manto. A coisa agarrou o garoto pela cabeça e foi puxando-o suavemente para dentro da água. Ele gritava de agonia. Eu assisti tudo sentindo nada além de prazer, enquanto tapava os olhos de Pamela. Nunca encontraram o garoto, Pamela nunca contou nada a ninguém e eu mantive meu emprego.



RASGA MORTAL HA

RASGA MORTALHA

Dizem que o grito da rasga mortalha, a coruja de igreja, a Suindara é anúncio de morte na certa. Basta a coruja berrar no seu telhado que alguém dentro da sua casa vai morrer em breve. Eu fui passar um tempo no litoral para fugir um pouco da vida estressante da cidade e em uma manhã de domingo, ouvi um grito alto de coruja no meu quintal. Parece que o animal tinha batido no fio elétrico e machucou a asa. Peguei uma caixa de papelão e empurrei a coruja para dentro vagarosamente. Foi difícil, era selvagem e as garras machucaram bastante.

Chamei um veterinário e trataram o bichinho. Deram um prazo de dois meses para sarar a asa e cada dia ela ficava um pouco mais dócil. Comecei colocando a comida nas beiradas da caixa, até que ela se acostumasse a pegar da minha mão. Eu a chamei de Mia, sempre achei um nome bonito. A Mia dormia no meu colo e cuspiu bolotas de ossos no meu sofá, enquanto eu assistia as series na Netflix. Todos os problemas que eu tinha com ratos acabaram, na verdade a rua inteira tinha se livrado deles, assim como as baratas e os grilos. Ela dormia em cima do meu armário em um cantinho escuro e a noite saia para dar uma volta as vezes.



Ainda me culpo pelo que aconteceu, ela talvez tenha ficado muito doméstica e quando a gente baixa a guarda sempre vai ter alguém que vai querer arrancar um pedaço de você. Ela não voltou em uma manhã e eu a encontrei no lixo da vizinha, uma velha, medrosa e ignorante. Mia não tinha marcas, a mulher tinha dado veneno, e enfiado em um saco, como se não fosse nada, para abafar o agouro de morte.

Eu não acredito em fantasma, ou lendas, a única coisa que eu acredito é na lei da ação e reação, no ato e consequência, e na justiça do homem. Eu acredito que nós somos nossos próprios carcereiros, e que tudo o que acontece é apenas e somente responsabilidade nossa. Eu ouvi o grito da rasga mortalha durante três meses e estou vivo. Mas, talvez, apenas dessa vez, eu devesse acreditar naquela lenda, pois a mulher não viveu outro dia, porque eu fui a sua consequência, pode ser que tivesse chegado a sua hora. Pode haver sim, alguma coisa maior envolvendo tudo isso, mas eu duvido muito.





PROCESSÃO DAS ALMAS



PROCISSÃO DAS ALMAS

Minha mãe me deixou com seis anos e eu nunca conheci o meu pai. Foi minha avó quem me criou, ela conseguia ser vó, mãe e pai, tudo junto, mas não gostava de falar sobre a filha, meu pai parecia que nunca existiu. Eu dizia que me sentia mal por não ser igual as outras crianças, mas era mentira, achava que era o que todos queriam ouvir, minha vó era mais que o suficiente. Nunca faltou amor, ela acabou virando o centro de minha vida e eu o dela.

Eu não sou muito de lembrar de sonho, mas hoje eu tive um sonho muito estranho, estava todo mundo em casa, parecia aquela feijoada que costumava ter todo domingo. Eu era criança e estava correndo pela casa com os primos, fim de tarde, a pança cheia, aquele cheiro de café coado, o tio estatelado no sofá da sala, assistindo ao jogo, roncando, os vizinhos acomodados nos cantos, aquela luz amarelada, aquela moleza. E minha mãe parada na janela. Eu sabia que era ela, porque ela tinha um cabelo cheio, muito preto, no ombro e sempre usava uma fita amarela para amarrar. Ela não olhou para mim e eu não me importei, mas aquele momento parecia ter tomado o espaço do sonho inteiro, tudo ficou meio em câmera lenta, enquanto eu a observava, olhando para fora.



Parecia uma lembrança que eu tinha desenterrado, podia ter sido a última vez que eu a tinha visto. Foi quando ouvi uma canção, era mais como um murmúrio choroso, com certa melodia. Procissão, domingo, ninguém se mexeu para olhar. Eu saí de casa e vi os homens encapuzados passando, levando velas na mão. Minha avó estava lá fora, ela estendeu a mão para um dos fiéis e ele lhe entregou uma vela. Ela voltou andando na minha direção, daquele jeito travado que ela tinha, e me deu a vela. Ela disse que alguém viria apanhar a vela no dia seguinte. Eu olhei para a janela, esperando ver o rosto da minha mãe, mas era tarde, ela havia virado e estava indo para sala. Eu corri, achei que pudesse alcançar ela, antes dela desaparecer. Cheguei no quarto em um salto, como se tivesse me teleportado através de um pensamento. Não tinha ninguém, pousei a vela na cama e ela subitamente se apagou em um sopro, de canto de olho eu quase consegui ver minha mãe assoprar.

Foi quando acordei, assustado, o quarto da vó estava gelado, fazia uma semana que ela havia morrido, mas eu deixei tudo no lugar, os quadros encardidos do biso, os perfumes, as caixas de brincos, e os sapatos pretos que ela usava para sair, o cheiro de gente doente ainda estava na sua cama. Eu sabia que não devia ter ido dormir ali, foi completamente irracional, mas eu sentia tanta falta dela que ficar longe daquelas coisas parecia traição.



Eu me sentei na cama e a coberta se levantou. O que eu vi primeiramente pareciam dois cabos de vassoura, mas tinha um tom cinzento, estava escuro e eu tive que tocar para entender a sua forma. Eram ossos, eu soltei logo em seguida e cai da cama. Mas é claro que voltei para olhar de novo, para conferir se eu estava ficando maluco, agora com as luzes acesas. Um era mais alongado e maior do que o outro. O que parecia era, que o maior era de adulto e o outro de criança. No menor havia uma fita amarela enrolada ao redor. Eu não consegui controlar as lagrimas, elas desciam, eu sabia que aquilo significava que em algum lugar a minha mãe também estava morta.



CHUPA
CABRA

CHUPA CABRA

Diário do Doutor Powell

25 de agosto de 1995, Brasil

A expedição saiu da instalação das Força Aérea dos Estados Unidos e desceu contornando a costa do pacífico. Passamos pela República Dominicana, Argentina, Bolívia, Colômbia, Honduras, Nicarágua, México e aterrissando no Brasil. Os nativos intitularam o nosso fugitivo de Chupa-cabra. As análises do legista chegaram hoje, ao total foram quase 100 cabeças, em menos de três meses, dentre elas, animais de grande porte como bois e animais ainda mais perigosos, como lobo guará e onça pintada, com o mesmo padrão, poucas fraturas e três buracos formando um espectro triangular, em geral, no tórax, ausência total de sangue no corpo dos mortos. O espécime CC17 é dotado de força sobre-humana, embora tenha apenas meio metro de altura e agilidade comparável à um falcão peregrino.

Em todos os meus anos como cientista, trabalhando na área 51, nunca tive contato direto com uma criatura tão perigosa. Após o evento catastrófico de fevereiro, no qual duas dezenas dos meus colegas foram mortos pela mesma criatura, que fugiu naquele dia da área de contenção, eu me tornei cientista chefe, coordenador dessa pesquisa de campo intrigante, dessa caçada que se estende a seis meses.



O objeto não identificado foi avistado, primeiramente, no céu do Condado de Gray, e aterrissou em um campo de trigo no Norte do Kansas, em 13 de janeiro deste ano. Recuperamos o transporte e seu tripulante com sucesso e sem levantar suspeitas relevantes. Iniciamos uma bateria de testes no espécime encontrado, todos muito bem sucedidos na direção de estabelecermos as linhas básicas de sua fisiologia. O problema maior foi quando começamos a abordar o campo da comunicação. A criatura podia estabelecer um diálogo de sinais muito compreensivo. Minha área, obviamente, não é linguística, mas atrás do vidro blindado do laboratório eu pude perceber a agonia que o pequeno ser extraterrestre estava experimentando. A cada dia os testes ficavam mais agressivos, com o intuito de entender o seu nível de resistência. Na noite do dia 23, ele conseguiu se libertar, matar os cientistas que restavam no laboratório e alguns outros funcionários e fugir.



Acreditamos que ele se estabeleceu no Brasil, na zona tropical. Mas não podemos esquecer de que ele não é um ser ignorante, quem tem a habilidade de construir uma nave que viaje de um ponto distante da galáxia ao outro, mesmo tendo uma incrível capacidade de adaptação, não é apenas um animal insano. Por tanto, não seria fácil capturá-lo. Estamos tratando de um assassino habilidoso e sagaz. Estou convencido de que esta um passo a nossa frente e que provavelmente tem um plano para voltar para casa. Gostaria de entender suas verdadeiras intenções do jeito certo dessa vez. Respeitando sua superioridade.

Por hora, não posso dar mais detalhes. Está havendo uma investigação no acampamento, os oficiais acreditam que alguém pode ter deixado a gaiola do espécime destrancada de propósito.





LOIRA DO BANHETO



LOIRA DO BANHEIRO

Já faz uns dias que o Douglas desapareceu. Mas, tudo começou na última terça-feira. “A gente” gostava de dar um susto nos novatos, podia ser qualquer coisa, um cuecão, esconder a mochila, essas merdas de criança, mas naquela semana colou a história da loira do banheiro. E a vítima era uma garota nova da classe. Ela era linda, de cabelo dourado, olhos castanhos, me apaixonei na hora que ela entrou na classe e o Doug percebeu. Eu odiava as brincadeiras idiotas dele, mas a gente era amigo desde a primeira série, eu estava presente na maioria das vezes, que rolava as brincadeiras, para não deixar ele passar dos limites, mas dessa vez não ia deixar nada acontecer com a Pamela.

Eu tinha dito para ele parar de dizer o que ele faria com ela como “pegandinha”, parecia que estava gostando de me ver puto. Então, no fim da aula, enquanto ela usava o sanitário, ele começou a trancar a porta banheiro. Falou que eu tinha que relaxar, que ia pegar leve. Eu tentei impedir. Ele não parou. Me empurrou para dentro do banheiro com a Pamela e segurou porta. Ficamos eu, e Pamela, separados por uma privada. Ela parecia confusa, havia acabado de se vestir. Eu pedi desculpas, como um idiota.



E tentei convencer o Doug a parar. Ele disse que deixaria a gente sair se a gente falasse “loira do banheiro” três vezes e apertasse a descarga três vezes. Olhei para Pamela e ela deu de ombros, ela parecia menos assustada que eu. Doug se deu ao trabalho de apagar a luz e voltar para frente da porta. Enquanto, falávamos o nome, quase sem vontade, e dávamos as descargas eu percebi que uma brisa gelada passava de cima da minha cabeça para dentro da privada.

A última descarga pareceu durar minutos intermináveis, e enquanto aquele som girava na nossa cabeça, Pamela emudeceu, como se não quisesse mais respirar, ela apontou para cima da minha cabeça. Eu girei o pescoço devagar, para encarar os cabelos loiro esvoaçantes da mulher que estava na cabine ao lado da nossa. Eu deslizei para perto de Pamela, tentando ficar o mais longe possível da criatura, que flutuava na direção de Douglas. Ele teve tempo de soltar uma espécie de gemido, então vimos os pés dele se elevarem, como se ela o estivesse carregando. Pamela botou a mão na minha boca, quando eu a abri, sem poder controlar meus espasmos de medo.



A mulher retornou com Douglas a privada do lado, só podíamos ver os seus cabelos e os pés do meu amigo deslizando. O ciclo da última descarga enfim acabou e o vento sinistro também. Tudo ficou quieto, como um banheiro comum. Eu não tinha nem percebido que Pamela me abraçava. Eu segurei a sua mão e abri um pouco a porta para checar se estava tudo limpo. Ainda estão tentando encontrar o Douglas, mas a gente sabe o que aconteceu, prometemos não contar para ninguém. Nossa primeiro segredo.



PISADEIRA

PISADEIRA

Acontece que eu estou no começo da vida adulta. T.C.C., trabalho. Expectativas! Perguntas idiotas que os tios fazem para puxar assunto. "E como vai o trabalho?" – Uma merda! "E a faculdade?" – Uma perda de tempo, podia ter aprendido tudo na internet. "E os amigos?" – Quem consegue ter vida social trabalhando seis horas por dia para chegar no fim do expediente e ter que "aparatar" na faculdade? E logo chegam as provas bimestrais. Será que eu escolhi certo a minha profissão? Porque eu já odeio o estágio. E só estou pensando em quando vou ter grana para sair da casa dos meus pais. Será que o meu futuro realmente vai ser destruído se eu simplesmente me deitar na cama e não lutar de lá nunca mais?

Enfim, tive o meu primeiro ataque de pânico na semana de provas do primeiro ano, crises de insônia, daí foi a alergia à lactose, depois a dermatite que deixou a minha boca em carne viva e eu tive que usar umas ataduras para esconder nas aulas e fiquei parecendo uma múmia, bombei em estatística, e veio a depressão. Terapia, remédios que te deixam com sono o dia inteiro, ansiolíticos, dias que dão certo e dias que não dão.



E vou falar para vocês, estava tudo bem! Eu estava bem! Me recuperando, eu acho. Eu até curta um pouco a brisa do remédio. Mas ai, uma noite, enquanto eu rolava na cama, eu resolvi tomar o dobro de comprimidos para dormir. Só sei que acordei algumas horas depois no escuro.

Eu estava tendo a minha primeira paralisia do sono. Foi tudo muito estranho, eu tentava me mexer, mas era como se tivesse prezo dentro da minha cabeça, sem conseguir alcançar os meus braços e as minhas pernas. Impotente. Pequeno. Passei os olhos no quarto e não encontrei nada diferente, parei de procurar e olhei para o teto, tinham dois pontos vermelhos no canto, na sombra. Pareciam olhos, olhos que estavam fixos em mim. Tentei gritar, tentei me mexer, tentei escapar da minha cabeça, mas nada funcionava, eu só queria acordar. A coisa com olhos vermelhos despencou no meu peito e então subitamente eu acordei, puxando o ar do quarto como se dormindo eu estivesse no vácuo, me sentei e mexi todos os músculos, já era de manhã. Olhei para cima não vi nada, além do teto branco. Mas eu senti dor, como se eu tivesse levado uma bolada, era uma pressão que comprimia o meu peito.



Eu li depois que na paralisia do sono é comum ter delírios. Talvez eu quisesse achar alguma coisa assustadora no escuro, talvez tenha sido a minha mente que projetou “aquilo”. O curioso foi que eu contei para minha mãe o que aconteceu e ela me disse que quando eu era pequeno eu reclamava que tinha um monstro no meu quarto que pisava em mim quando eu ia dormir. Só que eu não lembro disso. Eu só lembro que o meu avô morreu de infarto na cama, enquanto dormia e eu passei a noite na casa dele no dia que ele faleceu. Não é estranho?





HOMEM DO SACO



HOMEM DO SACO

Hoje, até que enfim, chegou o momento de receber o presente mais importante do meu pai. Eu espero a muito tempo por esse dia, desde a infância. Naquela época eu já era um menino muito doente, estragado, como dizia meu pai, mas isso nunca me impediu de sair. A molecada brincava na rua de barro de casa, na ribanceira, no meio do coco das galinhas. Eu conheci o Gustavo em uma dessas tardes azedas com céu chateado. Ele não morava lá, não. Morava mais para cima, em uma casa grande com empregada, com mordomia, mas ninguém controlava o menino, era um cão desobediente que não via a hora de escapar, descia o morro e se sujava como todo mundo, naquela imundice. Sempre mostrando os dentes, cheio de energia, gritando de alegria ainda mais alto que os outros.

A gente ficou amigo rápido, não tinha muito essa de fazer inimizade entre a garotada, muita criança na rua, muita criança que sumia. Enjoo, pontadas de dor, vomito, e as vezes zonzeira. Tinha época que eu brincava o dia inteiro, sem sentir nenhuma pontada, e outras que eu passava na cama sem conseguir mijar no pinico, ouvindo a bagunça dos meninos da janela.



O Gustavo me trazia alguns doces de casa, umas coisas com glacê, e as vezes manteiga, era só para mim. Acho que aquele menino gostava bastante de mim, não sei por quê. Talvez eu gostasse dele também, mas não penso mais nisso. Só que ele não apareceu mais, passaram alguns dias e nada do garoto. Talvez tivesse ido morar em outro lugar. Subi a rua e bati na porta grande da casa grande, não me atenderam bem, mas a empregada teve pena quando eu disse que era amigo dele. Ela me contou que já fazia três dias que ele tinha sumido. Não brinquei muito naquele dia, só não tive vontade, não tava sentindo dor.

Tinha sopa para o jantar, repolho e carne, com um caldo fino, sem gosto. Meu pai não cozinhava bem e eu nunca tive mãe, nunca, assim como meu pai nunca teve a dele e meu avô também. Eu não falava muito e meu pai também.



Meu pai trabalhava bastante, e falar deixava ele ainda mais cansado, e enjoado, assim como eu, e meu avô, antes dele morrer. Nesse dia, eu lembro de ver meu pai fechar o lixo com alguns pães doces e carregar para fora. Depois voltar, sugar o caldo do prato e se levantar para pegar a sobremesa. Ele contou um pequeno cubinho de carne de fígado na minha frente e espetou na ponta da faca, eu deixei o cubo deslizar nos meus dentes, podia sentir as dores e o enjoo indo embora. Ele cortou um cubo para ele e comeu rápido, lambeu a faca e guardou tudo sem desperdício. Um fígado de criança era bem pequeno, durava pouco e quase não dava para gente dividir. Perguntei depois se aquele que tínhamos comido era o Gustavo, mas meu pai me lembrou que o que a gente comia não tinha nome. Isso ficou na minha cabeça, porque eu nunca tinha conhecido alguém de quem tivesse comido o fígado.

Hoje, a doença que passa de geração na minha família levou o meu pai e eu agora assumo seu lugar, assim como meu filho vai ter que fazer um dia para sobreviver.



MULHER DE BRANCO

MULHER DE BRANCO

la bater as duas da manhã quando eu tranquei o escritório. Aquela semana foi angustiante, todo mundo no trabalho parecia ser usuário drogas, cheirando cocaína no meio do dia, antes de uma reunião com o cliente, e maconha no fim do expediente para relaxar nos cantos escuros do estacionamento, a essa altura tinha tomado tanto café que todos os remédios que me induziam a dormir não fariam efeito por dias. Sim, o meu trabalho era desgastante, excitante, problema o dia inteiro que apareciam tão rápido quanto sua resolução, repetidamente, em um frenesi, mas eu sei que não era motivo para fazer o que eu fiz.

Dirigi pela noite, com aqueles pontos de luz coloridos, verde, amarelo e vermelho, nenhuma alma viva na rua. Aqueles pensamentos revirando a minha cabeça, ansioso pelo dia seguinte. Abri o porta luvas e tirei os olhos da estrada para pegar uma caixa de remédios, calmantes pesados, que um idiota no trabalho me “Deu”. Nada vem de graça nessa vida. Só sei que quando voltei a olhar de novo para estrada me deparei com uma mancha branca se precipitando para cima do carro.

Pisei no freio imediatamente. Era uma mulher com um vestido branco. Ela deu a volta no carro, devagar, e abaixou no vidro.



– Que susto, moça. Devia olhar por onde anda.

Ela sorriu, um sorriso estranho, travado, como se não estivesse rindo do que eu disse e sim de alguma coisa que tinha passado na sua cabeça. Mas não dei atenção no princípio, estava entretido com outras coisas, óbvio, ela era linda, parecia uma boneca de porcelana, com aquele cabelo bem preto e longos, os seios apertados no vestido que quase pularam para fora, quando ela se abaixou para falar comigo. Ela pediu logo que eu lhe desse uma carona. Eu travei, alguma coisa me disse que eu não devia fazer isso, talvez fosse a minha cabeça de baixo. Mas topei, devia ser rápido, não tinha trânsito.

– Então, uma garota como você, vestida assim, andando por aqui, a essa hora... - Eu prometi a mim mesmo que não faria mais isso. Não depois da notícia da gravidez da Roberta. Sim, eu era casado, e seria pai. E sim, havia traído minha esposa com a Silvia, uma colega, diversas vezes.

E como eu já comentei, o meu trabalho desgastante não era desculpa, nem minhas noites mal dormidas, nem o caso que meu pai teve com uma mulher e que desmoronou o casamento dele, a traição não estava nos meus genes, não fazia parte do meu sangue e eu ia mudar. Ser pai era o meu sonho desde que eu soube que poderia dar vida a alguém, que eu poderia criar uma coisa tão linda e especial.



Não estávamos tentando, eu e a Ro, mas a criança veio, como um presente. Era um sinal, de que tudo na minha vida mudaria e eu tinha que mudar junto.

Mas a mulher que havia entrado no carro era atrevida como uma cadela no cio. Eu não lembro de ela ter me dito o seu nome, ou para onde ela queria ir, só lembro daquela viagem parecer muito muito longa. Até um ponto em que eu tinha desviado tanto das suas investidas depravadas, que ela resolveu botar a mão no meu saco. Não foi divertido, talvez fosse antes quando eu curta masoquismo, ela esmagou o meu saco com a mão e eu virei o carro, como reflexo, ele derrapou pela estrada e parou pouco antes de atingir uma loja de autopeças. A mulher desapareceu. Parecia que ela nunca esteve naquele banco, eu tinha usado algumas coisas no dia, e não combinavam nada com remédio, e cansaço. Pensei que eu até pudesse ter apagado, e tido um micro sonho estranho, com uma mulher carnuda, mas eu não acreditei nisso por muito tempo, mais pelo que veio depois. Quando eu cheguei em casa, Roberta me contou que havia acabado de sofrer um aborto. Tentamos um mês depois e depois e depois. O médico disse que eu não podia ter filhos, que alguma coisa havia me tornado estéril. Talvez as drogas, ou o estresse. E POR ACASO ESTRESSE DEIXA ALGUÉM ESTÉRIL? A mulher de branco não levou a minha vida, mas levou a minha única chance de redenção.





LENDAS URBANAS BRASILEIRAS

RELATOS DOS MAIS ASSUSTADORES MONSTROS